

A Produção do Conhecimento nas Ciências Sociais Aplicadas 5



Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

 **Atena**
Editora

Ano 2019

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

A Produção do Conhecimento nas Ciências Sociais Aplicadas 5

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Natália Sandrini e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento nas ciências sociais aplicadas 5 [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A produção do conhecimento nas ciências sociais aplicadas; v. 5)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-296-8

DOI 10.22533/at.ed.968192604

1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Ciências sociais – Pesquisa – Brasil. I. Guilherme, Willian Douglas. II. Série.

CDD 307

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Os textos são um convite a leitura e reúnem autores das mais diversas instituições de ensino superior do Brasil, particulares e públicas, federais e estaduais, distribuídas entre vários estados, socializando o acesso a estes importantes resultados de pesquisas.

Os artigos foram organizados e distribuídos nos 5 volumes que compõe esta coleção, que tem por objetivo, apresentar resultados de pesquisas que envolvam a investigação científica na área das Ciências Sociais Aplicadas, sobretudo, que envolvam particularmente pesquisas em Administração e Urbanismo, Ciências Contábeis, Ciência da Informação, Direito, Planejamento Rural e Urbano e Serviço Social.

Neste 5º volume, reuni o total de 30 artigos que dialogam com o leitor sobre os mais diversos temas que envolvem as Ciências Sociais Aplicadas. Dentre estes temas, podemos destacar arquitetura, produção rural, contabilidade ambiental, design, economia solidária, bibliométrica e cadeia, políticas públicas, ocupação do solo, trabalhador, gestão de pequenas empresas, gestão de pessoas, auditoria governamental e desenvolvimento industrial.

Assim fechamos este 5º volume do livro “A produção do Conhecimento nas Ciências Sociais Aplicadas” e esperamos poder contribuir com o campo acadêmico e científico, trabalhando sempre para a disseminação do conhecimento científico.

Boa leitura!

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A EFICIÊNCIA DA VENTILAÇÃO CRUZADA NA ARQUITETURA	
Paula Scherer	
Mariela Camargo Masutti	
DOI 10.22533/at.ed.9681926041	
CAPÍTULO 2	5
ARQUEOLOGIA E ESTRUTURALISMO; CAMINHOS E DESCAMINHOS	
Pedro Ragusa	
DOI 10.22533/at.ed.9681926042	
CAPÍTULO 3	19
BRICS NA AMÉRICA LATINA: A EMERGÊNCIA DE UMA NOVA GOVERNANÇA GLOBAL	
Gabriel Galdino Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.9681926043	
CAPÍTULO 4	23
CÁLCULO DO ÍNDICE DE VANTAGEM COMPARATIVA REVELADA PARA A EXPORTAÇÃO DA SOJA EM GRÃOS DO ESTADO DA BAHIA DE 2004 A 2014	
Ivanessa Thaine do Nascimento Cavalcanti	
Juliana Freitas Guedes Rêgo	
DOI 10.22533/at.ed.9681926044	
CAPÍTULO 5	37
CARACTERÍSTICAS DETERMINANTES DA LEGIBILIDADE DAS NOTAS EXPLICATIVAS DE EMPRESAS BRASILEIRAS	
Guilherme de Freitas Borges	
Ilírio José Rech	
DOI 10.22533/at.ed.9681926045	
CAPÍTULO 6	58
CHÁCARA WOLF: ENTRE A MODERNIDADE E A TRADIÇÃO	
André Frota Contreras Faraco	
DOI 10.22533/at.ed.9681926046	
CAPÍTULO 7	70
CONSUMO E VARIEDADE DE PIMENTAS POR REGIÕES DO BRASIL	
Talita Campos de Lima Barbosa	
Claudia Maria de Moraes Santos	
DOI 10.22533/at.ed.9681926047	
CAPÍTULO 8	79
CONTABILIDADE AMBIENTAL: UM ENFOQUE SOBRE SUA DEFINIÇÃO A PARTIR DE TRABALHOS DO CSEAR	
Luana Caroline da Silva	
Andréia Cittadin	
Fabricia Silva da Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.9681926048	

CAPÍTULO 9	96
CRÉDITO RURAL E EFICIÊNCIA TÉCNICA DA AGROPECUÁRIA DOS MUNICÍPIOS DO ESTADO DA BAHIA	
João Batista Oliveira Lima	
Gervásio Ferreira Santos	
Paulo Nazareno A. Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.9681926049	
CAPÍTULO 10	117
DESIGN SOCIAL: MATERIAIS E PROCESSOS PRODUTIVOS NO DESIGN DE PRODUTOS	
Adilson Santos Brito	
DOI 10.22533/at.ed.96819260410	
CAPÍTULO 11	129
DETECÇÃO DE RISCO DE INCÊNDIOS NA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO DOURADOS (MG)	
Rubia Cristina da Silva	
Mirna Karla Amorim da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.96819260411	
CAPÍTULO 12	142
ECONOMIA SOLIDÁRIA: COOPERAÇÃO E AUTOGESTÃO PARA A COLETA DE RESÍDUOS RECICLÁVEIS	
Gisele Quinallia	
Juliene Maldonado Orosco de Andrade	
Edilene Mayumi Murashita Takenaka	
DOI 10.22533/at.ed.96819260412	
CAPÍTULO 13	151
ESTUDO BIBLIOMÉTRICO: ASPECTOS LOGÍSTICOS EM CADEIAS PRODUTIVAS	
José Valci Pereira Rios	
Cristina Vaccari	
Benó Nicolau Bieger	
DOI 10.22533/at.ed.96819260413	
CAPÍTULO 14	164
EUTHANASIA AS PATIENT'S RIGHT	
Rodrigo Tonel	
Guilherme Hammarström Dobler	
Janaína Machado Sturza	
Siena Magali Comassetto Kolling	
Tiago Protti Spinato	
Fernando Augusto Mainardi	
Stenio Marcio Kwiatkowski Zakszeski	
DOI 10.22533/at.ed.96819260414	
CAPÍTULO 15	173
EVIDENCIAÇÃO AMBIENTAL E VALOR DE MERCADO: ESTUDO NAS EMPRESAS DO ISE	
Francisca Francivânia Rodrigues Ribeiro Macêdo	
Raylander José de Azevedo Casciano	
Maria Maciléya Azevedo Freire	
Antônio Rodrigues Albuquerque Filho	
DOI 10.22533/at.ed.96819260415	

CAPÍTULO 16	190
FINANCIAMENTO ÀS EXPORTAÇÕES: IMPACTO DA POLÍTICA DO BNDES DE APOIO ÀS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS NO ANOS 2000	
Danniele Giomo	
DOI 10.22533/at.ed.96819260416	
CAPÍTULO 17	207
INOVAÇÃO ORGANIZACIONAL DA INDÚSTRIA DE PETRÓLEO, GÁS NATURAL E BIOCOMBUSTÍVEIS – A GESTÃO DO CONHECIMENTO	
Jacks Williams Peixoto Bezerra	
DOI 10.22533/at.ed.96819260417	
CAPÍTULO 18	230
KIT EXPERIMENTAL DE BAIXO CUSTO E DE FÁCIL ACESSO PARA ENSAIOS ELETROLÍTICOS	
Fabiano Rafael Praxedes	
Gustavo Bizarria Gibin	
DOI 10.22533/at.ed.96819260418	
CAPÍTULO 19	244
MAPEAMENTO DE USO E OCUPAÇÃO DO SOLO NO MUNICÍPIO DE ABADIA DOS DOURADOS (MG)	
Rubia Cristina da Silva	
João Donizete Lima	
DOI 10.22533/at.ed.96819260419	
CAPÍTULO 20	251
O DESIGN PARAMÉTRICO COMO FERRAMENTA PROJETUAL NA ARQUITETURA E URBANISMO	
Alisson Costa Maidana	
Renan Julio Antunes Matos	
Magali Letícia Brunhauser	
Suelin Luana Reichardt Soares	
Mateus Veronese Corrêa da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.96819260420	
CAPÍTULO 21	261
O ESTRESSE DO TRABALHADOR EM UMA AGÊNCIA BANCÁRIA DE CAMPO GRANDE - MS	
Leonardo Camargo do Carmo	
Flavinês Rebolo	
DOI 10.22533/at.ed.96819260421	
CAPÍTULO 22	277
OS BENEFÍCIOS DO CRM COMO FACILITADOR DE RELACIONAMENTO COM O CLIENTE	
Mariangela Catelani Souza	
Vinicius Rossi Hernandez	
Claudio Roberto Estanislau Rocha	
Julian Carlos da Silva	
Flávia Lindoso de Castro	
Lygia Aparecida das Graças Gonçalves Corrêa	
Elizângela Cristina Begido Caldeira	
Carlos Alípio Caldeira	
Fausto Rangel Castilho Padilha	
Patricia Cristina de Oliveira Brito Cecconi	
DOI 10.22533/at.ed.96819260422	

CAPÍTULO 23	289
OS BENEFÍCIOS EXISTENTES NA GESTÃO DE RELACIONAMENTOS ENTRE PEQUENOS SUPERMERCADISTAS E SEUS FORNECEDORES	
José Ribamar Tomaz Da Silva Filho Rosângela Sarmiento Silva Norberto Ferreira Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.96819260423	
CAPÍTULO 24	304
POSSIBILIDADES DO USO DAS OPERAÇÕES URBANAS CONSORCIADAS COMO INSTRUMENTO DE REGULARIZAÇÃO URBANÍSTICA: O CASO DE BELO HORIZONTE	
Reginaldo Magalhães de Almeida Juliana Lamego Balbino Nizza	
DOI 10.22533/at.ed.96819260424	
CAPÍTULO 25	319
PRÁTICAS DE GESTÃO DE PESSOAS NAS INDÚSTRIAS DE LINGERIE DE JURUAIA – MG	
Liliane Aparecida da Silva Marques. Maria Izabel Ferezin Sares Vinícius Generoso Monteiro	
DOI 10.22533/at.ed.96819260425	
CAPÍTULO 26	331
PRÁTICAS DE ENERGIA RENOVÁVEL EM COMPANHIAS DE ENERGIA ELÉTRICA NOS ESTADOS DE SANTA CATARINA E PARANÁ	
Gabriel Alcides Mariot	
DOI 10.22533/at.ed.96819260426	
CAPÍTULO 27	352
PROPOSTA DE FLUXO CONTÁBIL, GRUPO DE CONTAS E SUBCONTAS PARA O ATIVO BIOLÓGICO NA AVICULTURA DE PRODUÇÃO DE OVOS, CONFORME RECOMENDAÇÕES DO CPC 29	
José Arilson de Souza Elizângela Fernanda Mathias Elder Gomes Ramos Deyvison de Lima Oliveira Wellington Silva Porto	
DOI 10.22533/at.ed.96819260427	
CAPÍTULO 28	367
PROPOSTA DE PAPÉIS DE TRABALHO PARA EXECUÇÃO DE AUDITORIA GOVERNAMENTAL DE CONFORMIDADE	
Romeu Schvarz Sobrinho	
DOI 10.22533/at.ed.96819260428	
CAPÍTULO 29	372
SEGURANÇA ENERGÉTICA BRASILEIRA E INCENTIVOS AO DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL NOS GOVERNOS LULA E DILMA	
Juliana Araújo Gomes Maciel Henry Iure de Paiva Silva	
DOI 10.22533/at.ed.96819260429	

CAPÍTULO 30 389

SISTEMA DE FOSSA SÉPTICA BIODIGESTORA COMO TECNOLOGIA DE SANEAMENTO BÁSICO
EM COMPARAÇÃO AO SISTEMA DE FOSSA NEGRA

[Luciana Silva Nascimento](#)

DOI 10.22533/at.ed.96819260430

SOBRE O ORGANIZADOR..... 403

CÁLCULO DO ÍNDICE DE VANTAGEM COMPARATIVA REVELADA PARA A EXPORTAÇÃO DA SOJA EM GRÃOS DO ESTADO DA BAHIA DE 2004 A 2014

Ivanessa Thaiane do Nascimento Cavalcanti

Doutoranda em Economia, Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós Graduação em Economia, Faculdade de Economia. Salvador – Bahia.

Juliana Freitas Guedes Rêgo

Docente dos Cursos Superiores de Tecnologia presencial e EAD e do Bacharelado em Ciências Contábeis da UNIJORGE. Doutoranda em Economia, Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós Graduação em Economia, Faculdade de Economia. Salvador – Bahia.

RESUMO: Este artigo tem como objetivo calcular o Índice de Vantagem Comparativa Revelada – IVCR, de Balassa, para o complexo da soja no Estado da Bahia, entre os anos de 2004 a 2014, considerando as exportações de soja em grãos. Para tanto, são utilizados dados disponíveis no MDIC e Uncomtrade. Inicialmente, é feito um panorama geral sobre a agricultura do agronegócio no Estado da Bahia e logo em seguida é mostrada a posição que a soja ocupa no comércio exterior tanto em termos de Brasil quanto de outros países exportadores e importadores do grão. Posteriormente, é calculado o IVCR com base na comparação das exportações de soja em grãos da Bahia com os principais países exportadores mundiais de soja em grãos (Estados Unidos, Brasil e

Argentina) e os principais países importadores de soja em grãos da Bahia (China, Japão e Espanha). Por fim, concluímos que, de forma geral, a exportação da soja em grãos da Bahia apresenta vantagens comparativas.

PALAVRAS-CHAVE: Comércio Exterior. Soja em Grãos. Vantagem Comparativa Revelada. Bahia.

ABSTRACT: This article aims to calculate the Revealed Comparative Advantage Index - IVCR, Balassa, for the soya bean complex in Bahia state, between the years 2004-2014, considering soy exports in grains. Therefore, available data are used in the MDIC and Uncomtrade. Initially, it made an overview of the agribusiness agriculture in the State of Bahia and soon after it is shown the position that soya occupies in foreign trade both in Brazil and other exporters and grain importing countries. Subsequently, the IVCR is calculated based on the comparison of soya bean exports in Bahia grain to major world exporters of soya beans (USA, Brazil and Argentina) and the main soya bean importing countries of grains Bahia (China, Japan and Spain). Finally, we conclude that, in general, the export of soya beans in the Bahia has comparative advantages.

KEYWORDS: Foreign Trade; Soya Beans; Revealed Comparative Advantage. Bahia.

1 | INTRODUÇÃO

No cenário atual, o Brasil possui uma posição mundial de destaque na produção agroindustrial, estando entre os maiores exportadores de laranja, carne bovina, aves e soja. As exportações do agronegócio nacional representam uma grande parcela do Produto Interno Bruto – PIB, e contribui no equilíbrio das contas externas brasileiras.

Devido ao desenvolvimento técnico e científico do agronegócio nas últimas décadas, a produtividade brasileira aumentou drasticamente em relação ao acréscimo da área plantada, por meio do desenvolvimento de novas fronteiras agrícolas. Diante disto, para identificar a competitividade do agronegócio brasileiro recorre-se ao Índice de Vantagem Comparativa Revelada – IVCR, visto que é um importante indicador para o comércio exterior de um país, pois “revela” os segmentos mais competitivos para exportação, comparado com os seus concorrentes.

Sendo assim, o objetivo deste artigo é calcular o IVCR para o complexo da soja no Estado da Bahia, entre os anos de 2004 a 2014, considerando as exportações de soja em grãos. O cálculo é feito a partir da comparação das exportações de soja em grãos da Bahia com os principais países exportadores mundiais de soja em grãos (Estados Unidos, Brasil e Argentina) e os principais países importadores de soja em grãos da Bahia (China, Japão e Espanha).

Como base de dados nacionais foi utilizada as informações da Secretaria do Comércio Exterior – SECEX do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio do Brasil – MDIC, disponibilizada pelo Sistema de Análise das Informações do Comércio Exterior – ALICE. Os dados são discriminados em exportação e importação por Estado e por capítulos, os quais correspondem aos setores produtivos e estão enumerados de acordo com a Nomenclatura Comum do Mercosul – NCM, correspondendo a todo produto que é objeto de uma importação e exportação.

Com relação aos dados internacionais, foi utilizado o *Standard International Trade Classification* – SITC, disponível pelo *United Nations Commodity Trade Statistics Database* – UNCOMTRADE. Nesta, os produtos são agrupados pela Organização das Nações Unidas – ONU conforme a natureza do *merchandise*, materiais usados na produção, o estágio do processo, as práticas de mercados, usos dos produtos, a importância das *commodities* em termos de comércio mundial e as mudanças tecnológicas. O recorte utilizado compreende o valor total das exportações com FOB em dólares, utilizando a denominação “*Soya Beans*”. A sigla FOB significa *free on board* que é livre a bordo. FOB se refere ao produto disponibilizado no local de produção ou armazenamento, sem incluir os impostos ou custos de transporte (MATTOS, 2014).

Desta forma, este trabalho consta desta introdução, da fundamentação teórica, dos resultados e discussão e da conclusão. Na fundamentação teórica abordamos a ideia da vantagem comparativa, o IVCR, a agricultura desenvolvida na região oeste da Bahia, e a soja, em específico. Nos resultados e discussão são feitos os cálculos do IVCR através dos dados disponíveis no MDIC e Uncomtrade. Por fim, concluímos que

de forma geral, a exportação da soja em grãos da Bahia é competitiva com relação aos exportadores concorrentes analisados.

2 | FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O Índice de Vantagens Comparativas Reveladas – IVCR foi apresentado pela primeira vez por Balassa nos anos 1960, tendo como base a noção de vantagens comparativas desenvolvida por Mill, Smith e Ricardo entre os séculos XVIII e XIX. Portanto, inicialmente, abordaremos as ideias de vantagens comparativas para logo em seguida expormos o pensamento de Balassa. Posteriormente, apresentaremos um apanhado geral da agricultura desenvolvida na região oeste do Estado da Bahia e subseqüentemente trataremos da cultura da soja em específico.

2.1 Vantagens comparativas

A noção de vantagens comparativas no comércio internacional é em grande parte decorrente das ideias sobre custo de oportunidade e especialização do trabalho. O custo de oportunidade representa aquilo que se deixa de ganhar na segunda alternativa por se escolher a primeira. Desta forma, o que não se ganha com a segunda escolha é menor do que se ganha com a primeira (LEISHMAN, MENKHAUS E WHIPPLE, 1999).

Primeiramente, Mill e Smith avançaram no conceito de vantagem absoluta, anterior ao conceito de vantagem comparativa. Vantagem absoluta refere-se à eficiência na produção de bens. Isto é, se dois países produzem o mesmo produto, mas um apresenta uma quantidade produzida maior com a mesma quantidade de fatores de produção, este país é mais eficiente na produção do bem. (LEISHMAN, MENKHAUS E WHIPPLE, 1999).

A identificação de vantagem comparativa coloca que um país deve exportar um produto quando possui o menor custo de produção deste bem. Ricardo, aprimorando a ideia da vantagem comparativa, reconhece que um país tende a alocar seus recursos para a sua utilização mais produtiva. Sendo assim, uma nação pode, portanto, importar um produto mesmo quando possui o menor custo de produção daquele bem, trazendo vantagens mútuas para ambos os países (LEISHMAN, MENKHAUS E WHIPPLE, 1999).

Utilizando um exemplo hipotético pode-se exemplificar a situação. O custo de oportunidade de Portugal para a produção de uma unidade de vinho equivale a duas unidades de tecido (2/1). O custo de oportunidade da Inglaterra para a produção de uma unidade de vinho é cinco unidades de tecido (5/1). É relativamente menos custoso para Portugal se especializar na produção de vinho. Por sua vez, o custo de oportunidade de produção de uma unidade de tecido para Portugal é 1/2 unidade de vinho; o da Inglaterra é 1/5 unidade de vinho. A Inglaterra, portanto, deveria se especializar na produção de tecido, pois apresenta um custo de oportunidade menor

do que Portugal (BRUE, 2005, p. 117).

O exemplo emblemático utilizado por Ricardo é o da produção de tecidos e vinhos pela Inglaterra e por Portugal, respectivamente. Esta transação comercial é chamada de Tratado de Methuen, mas ficou mais conhecida no Brasil e em Portugal como Tratado dos Panos e Vinhos. Desta forma, cada país deveria se concentrar em produzir o bem que possui vantagem relativa, ou seja, se especializar na produção do bem que apresentar o menor custo de oportunidade nacional (BRUE, 2005).

2.2 Índice de vantagens comparativas reveladas - IVCR

O IVCR, também conhecido como Índice de Balassa, é uma medida de comparação para dados de exportação de um determinado país. A ideia consiste em “revelar” os setores sólidos de um país através da análise das exportações reais. Para determinar se um país possui uma posição forte em algum setor específico se faz necessário comparar a participação das exportações deste segmento com as exportações totais do país. Também, se compara com a participação das exportações deste segmento em um grupo de referência com o total das exportações do país (BALASSA e NOLAND, 1989).

Sendo assim, o IVCR é essencialmente uma quota de exportação normalizada. Mais especificamente, o IVCR_{ji} é o índice do produto j exportado pelo país i (BALASSA e NOLAND, 1989):

$$IVCR_{ji} = \frac{(X_{ji}/X_{jw})}{(X_i/X_w)} \quad (1)$$

Então:

X_{ji} = exportações do produto j do país i.

X_{jw} = exportações mundiais do produto j.

X_i = exportações do país i.

X_w = exportações mundiais.

O índice varia de 0 para o infinito com 1 sendo o ponto de equilíbrio. Ou seja, um IVCR inferior a 1 significa que o produto não tem nenhuma vantagem comparativa de exportação, enquanto que, um valor superior a 1 indica que o produto tem uma vantagem comparativa revelada na produção do bem j (BALASSA e NOLAND, 1989).

2.3 Agricultura Do Oeste Da Bahia

A agricultura baiana tratada neste artigo corresponde ao agronegócio desenvolvido, principalmente, na região oeste do Estado da Bahia, visto que esta região representa o principal polo agrícola do Estado. Uma grande parte do oeste baiano é composta pelo bioma do cerrado, com áreas planas e, portanto, favorável à

mecanização inerente ao agronegócio. O perfil produtivo do cerrado baiano é composto principalmente por soja, algodão, milho e café (AIBA, 2015).

As condições de clima, solo e luminosidade do oeste da Bahia são propícias a diversas culturas como soja, algodão, milho e café irrigado. Além disto, outras culturas estão sendo desenvolvidas na região, como feijão, sorgo, capim, arroz, frutas e pecuária, apresentando crescimento nos últimos anos. Existe também a expectativa de que a cultura da cana-de-açúcar se torne uma realidade na região, a qual deverá ser mecanizada e irrigada (AIBA, 2010).

Conforme a Figura 1 é possível verificar o estado da Bahia, com destaque em vermelho para o oeste baiano:

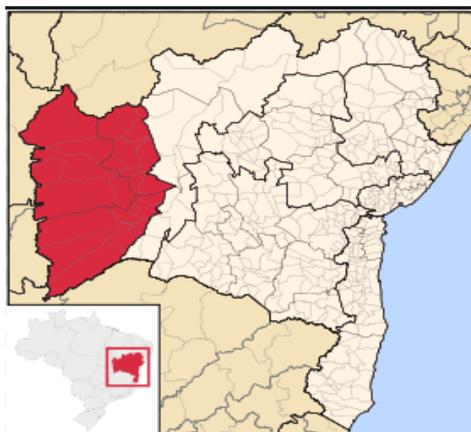


Figura 1: Extremo Oeste Baiano.

Fonte: ABREU, 2015.

A soja é a principal cultura agrícola do oeste da Bahia correspondendo a 58,8% da área total cultivada na região. A soja baiana reflete 4,8% da produção brasileira e 58% da produção nordestina. O algodão é o primeiro em qualidade do país e a região é a segunda maior produtora nacional. A cultura do milho é importante para a rotação de culturas e a região também é responsável por 66% de todo o milho produzido na Bahia, abastecendo granjas de aves e suínos e a indústria alimentícia do nordeste (AIBA, 2015).

A agricultura do agronegócio tem como base o capitalismo e o desenvolvimento científico e segundo Sposito *et al.* (2007), foi amplamente expandida no Brasil através dos avanços científicos e tecnológicos que acabou ampliando a fronteira agrícola do país para regiões até então inimagináveis. Regiões, estas que inclui o oeste da Bahia, cujos avanços científicos e tecnológicos ocorreram através do Centro de Pesquisa Agropecuária do Cerrado – CPAC, da Empresa Brasileira de Pesquisa e Agropecuária – EMBRAPA, que conseguiu suplantando a baixa fertilidade e alta acidez dos solos (BARREIRAS, 2009).

Desta forma, as pesquisas renderam frutos através de uma técnica que pôde recuperar os solos, tornando-os qualificados para a agricultura. A Empresa Baiana de

Desenvolvimento Agrícola – EBDA, em 1978 no seu primeiro campo de experimentação já atestava que algumas variedades de soja, como a Santa Rosa, adaptavam-se bem às condições locais. Posteriormente, a partir dos anos 1980, a soja e outras culturas se tornaram uma realidade bem promissora que mudou o cenário econômico da região (BARREIRAS, 2009).

No oeste baiano existe, também, a Fundação Bahia que apoia à pesquisa e desenvolvimento do agronegócio. Esta fundação tem amparo da EMBRAPA e seus mantenedores são constituídos de fundações, associações e empresas privadas, que incentivam a pesquisa e desenvolvimento de diversos plantios na região (FUNDAÇÃO BA, 2010).

Decorrente a estas descobertas, se instaurou a produção agrícola economicamente viável nos cerrados baianos com os agricultores precursores vindos, em sua grande maioria, do sul do Brasil. Estes agricultores foram motivados pela disponibilidade de terras baratas e planas, ideal para a mecanização do agronegócio, bem como pela temperatura e luminosidade adequada, além do grande potencial hídrico (BARREIRAS, 2009).

Esta produção do agronegócio tem como finalidade principal a exportação, cujo principal comprador é a China. Diante disto, o Governo do Estado da Bahia assinou um contrato com o governo chinês, no ano de 2010. Neste acordo realizado junto a Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos - APEX, em Pequim, ficou oficializado a instalação de um escritório conjunto de representação da agropecuária baiana (BAHIA, 2010).

2.3.1 Soja

Devido ao desenvolvimento científico agrícola para as regiões de baixa latitude dos cerrados brasileiros, o Brasil atualmente possui uma nova fronteira agrícola denominada MAPITOBA ou MATOPIBA, que é um acrônimo que diz respeito às iniciais dos Estados produtores de grãos do Maranhão, Piauí, Tocantins e Bahia.

Como pode ser observada na Figura 2, a região MAPITOBA está destacada de vermelho:



Figura 2: Região do MATOPIBA.

Fonte: MIRANDA, 2014.

A soja, cujo nome científico é *Glycinemax*, é um dos grãos mais comercializados no mundo atualmente. Os principais produtores são o Brasil e os Estados Unidos e os principais compradores são a China e a União Europeia. A soja pode ser comercializada na forma de grãos, de farelo ou como óleo. O farelo de soja é um componente importante da alimentação animal, pois é um insumo das rações, enquanto o óleo de soja pode ser utilizado para o uso dos biocombustíveis (MOREIRA, 2012).

Originalmente, a soja foi domesticada no nordeste da Ásia e chegou até o ocidente através das grandes navegações (CHUNG e SINGH, 2008). A primeira informação que se tem do cultivo de soja no Brasil foi no Estado da Bahia, no ano de 1882 (BLACK, 2000). Posteriormente, foi levada para o Estado de São Paulo e logo em seguida, no início do século XX, chegou ao Rio Grande do Sul, local que o cultivo melhor se adaptou às condições de solo e de clima (BONETTI, 1981). Até que retornou para o nordeste devido ao desenvolvimento técnico-agrícola do final do século XX.

Devido ao aumento da procura global por alimentos e também à grande pluralidade de utilização da soja, a área destinada ao cultivo deste grão vem aumentando anualmente em todo o mundo. Sendo assim, segundo o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos – USDA, citado por Moreira (2012), a área plantada de soja no mundo passou de 81,48 milhões de hectares na safra 2002/03 para 108,55 milhões na safra 2012/13, o que representa um incremento de 33% na década (MOREIRA, 2012).

Junto ao aumento da área plantada houve também o maciço investimento em pesquisa para o cultivo de soja mais resistente a pragas, o que conseqüentemente aumentou a produtividade e impulsionou a produção. Desta forma, a produtividade prevista para a safra de 2012/13 foi de 2.435 quilos por hectare. Sendo que nos últimos quatro anos a produção mundial teve um acréscimo de 205%, pulando de 211,64 milhões de toneladas para 264,28 milhões (MOREIRA, 2012).

Situação esta que, também, foi visualizada no oeste da Bahia, em que a produtividade da soja cresceu muito mais do que o aumento da área cultivada de 1992 a 2011, conforme figura abaixo:

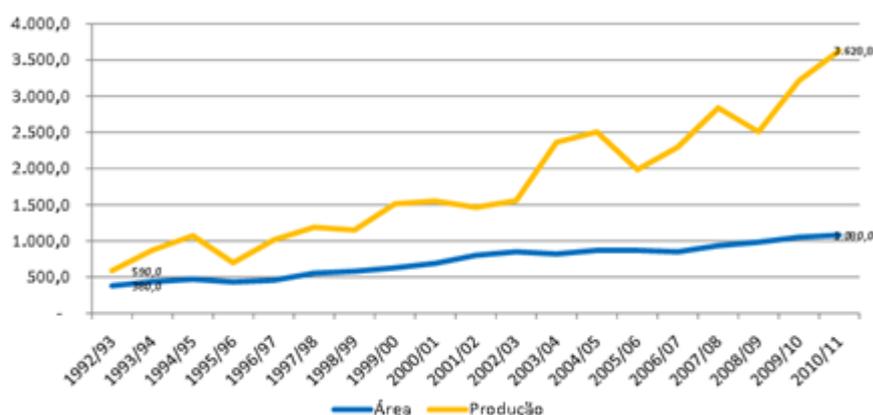


Figura 3: Evolução Soja Oeste Bahia 1992 a 2011.

Fonte: AIBA, 2013.

No ciclo 2012/13 o Brasil teve uma safra recorde de soja e foi o maior produtor mundial do grão. Contudo, devido aos problemas de infraestrutura logística e mau planejamento do escoamento da produção, esta vantagem na produtividade não se refletiu em um preço mais barato do grão no cenário internacional. Sendo assim, a produtividade da produção foi prejudicada pelo escoamento deficiente.

A Tabela 1 apresenta a quantidade produzida, em milhões, dos principais países produtores desta *commoditie*:

Países	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13(*)
Brasil	58,80	69,00	75,50	66,50	81,00
EUA	80,75	91,42	90,61	84,19	77,84
Argentina	32,00	54,50	49,00	41,00	55,00
China	15,54	14,98	15,10	13,50	12,60
Índia	9,10	9,70	9,80	11,00	11,50
Paraguai	3,65	7,38	8,31	4,00	8,10
Canadá	3,34	3,51	4,35	4,25	4,30
Outros	9,46	10,61	12,02	13,67	13,94
Total	211,64	261,08	264,68	238,11	264,28

Tabela 1: Principais Países Produtores de Soja – Safra 2008/09 a 2012/13 (em milhões t).

Fonte: USDA, 2012 citado por Moreira, 2012.

*Estimativa.

Apartir dos dados apresentados na Tabela 1 pode-se perceber que as exportações mundiais de soja aumentam ano após ano. Em média, o maior exportador das últimas safras são os Estados Unidos com 43% do total. Os países da América do Sul, Brasil, Argentina e Paraguai, exportam em média 50% do total (MOREIRA, 2012).

A importação da soja também tem acompanhado o crescimento das safras dos últimos anos, com as importações mundiais crescendo cerca de 17% da safra 2008/09 até o ciclo 2011/12. No mesmo período, o maior consumidor mundial, a China, importou em média cerca de 50,45 milhões de toneladas ou 59% do total. O segundo maior comprador é a União Europeia que importou, em média, nas últimas quatro safras 12,29 milhões de toneladas ou cerca de 14% do total mundial (MOREIRA, 2012).

A Tabela 2 mostra a quantidade de soja importada pelos principais países importadores, em milhões:

Países	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13(*)
China	41,10	50,34	52,34	58,00	61,00
União Europeia	13,21	12,67	12,48	10,80	10,70
México	3,33	3,52	3,50	3,40	3,35
Japão	3,40	3,40	2,92	2,78	2,60

Taiwan	2,22	2,47	2,45	2,25	2,20
Indonésia	1,39	1,62	1,90	1,99	2,00
Outros	12,75	12,82	13,21	11,54	11,61
Total	77,39	86,84	88,80	90,76	93,46

Tabela 2: Principais Países Importadores – Safra 2008/09 a 2012/13 (em milhões t).

Fonte: USDA, 2012 citado por Moreira, 2012.

*Estimativa.

Em conformidade com a direção mundial, a cultura da soja ganha cada vez mais espaço na produção agrícola brasileira que busca o mercado internacional. Esta realidade tem relação com o aumento constante do consumo de alimentos ao redor do mundo devido ao crescimento populacional e também ao aumento da renda nos países emergentes (MOREIRA, 2012).

A Tabela 3 apresenta os principais estados brasileiros produtores de soja e a quantidade produzida entre as safras de 2008/09 e 2012/13, em milhões de toneladas:

Estados	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13(*)
Mato Grosso	17,96	18,77	20,41	21,85	23,70
Paraná	9,51	14,08	15,42	10,94	15,08
Rio Grande do Sul	7,91	10,22	11,62	6,53	11,96
Goiás	6,84	7,34	8,18	8,25	8,79
Mato Grosso do Sul	4,18	5,31	5,17	4,63	6,17
Bahia	2,42	3,11	3,51	3,18	3,76
Minas Gerais	2,75	2,87	2,91	3,06	3,25
Maranhão	0,98	1,33	1,60	1,65	1,73
São Paulo	1,31	1,59	1,71	1,60	1,72
Santa Catarina	0,97	1,35	1,49	1,09	1,53
Piauí	0,77	0,87	1,14	1,26	1,40
Tocantins	0,86	1,07	1,23	1,38	1,38
Outros	0,72	0,79	0,92	0,96	0,97

Tabela 3: Principais Estados Produtores – Safra 2008/09 a 2012/13 (em milhões t).

Fonte: CONAB, 2012 citado por Moreira, 2012.

*Estimativa para Outubro de 2012.

Desta forma, a produtividade da soja vem crescendo no Brasil devido ao uso de sementes certificadas e ao investimento em pesquisa e desenvolvimento, o que tem alcançado incrementos não só de quantidade, mas especialmente de qualidade. O que se expressa no total de soja em grãos exportado pelo país nos últimos anos, com uma média de cerca de 29 milhões de toneladas anuais o que corresponde a 45% da produção brasileira (MOREIRA, 2012).

3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este artigo se propõe a verificar o IVCR do Complexo da Soja no Estado da Bahia, entre os anos de 2004 a 2014, considerando as exportações de soja em grãos. Para tanto, compara-se as exportações de soja em grãos da Bahia com os principais países exportadores mundiais de soja em grão (Estados Unidos, Brasil e Argentina) e os principais países importadores de soja em grãos da Bahia (China, Japão e Espanha), no intuito de verificar qual desses países apresenta-se mais especializado na comercialização deste produto.

Isto é, para calcular o índice de competitividade, compara as exportações do grão de soja da Bahia para China, Japão e Espanha com as exportações de soja em grão dos Estados Unidos da América, Argentina e Brasil para esses países. Abaixo segue as tabelas com os resultados do índice de vantagem comparativa revelada.

VCR Bahia em relação ao China			
Anos	Brasil	EUA	Argentina
2004	*	*	*
2005	1,10	1,00	1,41
2006	1,05	0,65	1,45
2007	1,08	1,00	1,52
2008	1,07	0,94	1,30
2009	1,62	1,00	2,22
2010	1,08	1,04	1,07
2011	1,00	1,00	1,10
2012	1,08	1,02	1,31
2013	1,30	1,01	1,18
2014	1,02	1,01	**

Tabela 4: Índice de Vantagem Comparativa Revelada das Exportações de Soja em Grão do Estado da Bahia para a China em relação ao Brasil, EUA, e Argentina.

Fonte: Elaboração dos autores de acordo com os dados coletados nos sites do MDIC e Uncomtrade.

*Dados nacionais não disponíveis.

**Dados internacionais não disponíveis.

De acordo como a Tabela 4, é possível verificar que o Estado da Bahia apresenta-se especializado no comércio da soja em grão com a China, durante quase todos os anos de análise nos três países selecionados. Com relação às exportações do EUA de soja em grãos, verifica-se que, apenas nos anos de 2006 e 2008, o índice ficou abaixo de 1, o que indica que nesses anos, a soja em grãos baiana perdeu competitividade para os Estados Unidos.

Considerando a Argentina como um dos principais concorrentes do Estado da Bahia no comércio da soja em grão com a China, há IVCR durante todo o período de 2004 a 2014, ressaltando o ano de 2004, onde o índice apresentou 2,22, representando

mais que o dobro da unidade. Por fim, ainda de acordo com a Tabela 4, considerando todas as exportações do Brasil como concorrente do Estado da Bahia no que tange o comércio da soja em grão com a China, é possível notar um IVCR desse produto baiano durante todo o período. De um modo geral, conclui-se que há uma inserção competitiva do grão de soja baiano no mercado chinês.

VRC Bahia em relação ao Japão			
Anos	Brasil	EUA	Argentina
2004	1,13	1,47	1,43
2005	*	*	* **
2006	1,19	1,12	671475,23
2007	1,00	1,10	4,00
2008	1,00	1,09	4,93
2009	1,06	1,12	32,31
2010	1,13	1,12	51,75
2011	1,36	1,14	42,48
2012	1,31	1,11	203,55
2013	1,35	1,08	207,46
2014	1,20	1,07	**

Tabela 5: Vantagem Comparativa Revelada das Exportações de Soja em Grão do Estado da Bahia para o Japão em relação ao Brasil, EUA e Argentina.

Fonte: Elaboração dos autores de acordo com os dados coletados nos sites do MDIC e Uncomtrade.

*Dados nacionais não disponíveis.

**Dados internacionais não disponíveis.

De acordo com a Tabela 5, o cálculo do IVCR da Bahia para o Japão em relação aos EUA, Brasil e Argentina, mostra uma especialização da soja em grão baiana no mercado japonês, quando comparada suas exportações com os Estados Unidos, Argentina e Brasil. Ao comparar as exportações do grão de soja da Bahia com as exportações brasileiras deste produto, verifica-se que durante todo o período de análise, o produto apresenta um IVCR maior ou igual a unidade, o que indica que o Estado Baiano consegue competir com os demais estados exportadores do produto.

Considerando os Estados Unidos, a soja baiana mostrou sua vantagem comparativa, ao apresentar índices maiores que 1, durante todo o período pesquisado. Da mesma forma que, a soja em grãos da Bahia se mostra muito competitiva quando comparada a Argentina, onde se verifica índices elevados, principalmente no ano de 2006. Faz-se necessário ressaltar que, neste ano, a Argentina comercializou, basicamente, óleo de soja, o que favoreceu a competitividade da soja em grãos baiana.

Na Tabela 6 pode-se observar também a especialização do Estado da Bahia no que tange ao atendimento do mercado da Espanha com o produto soja em grão.

VCR Bahia em relação a Espanha			
Anos	Brasil	EUA	Argentina
2004	1,35	1,00	269,77
2005	1,11	0,96	311,87
2006	1,13	1,00	**
2007	1,15	1,00	188,36
2008	1,14	1,00	145,73
2009	1,32	1,24	1167,70
2010	1,27	1,06	187,67
2011	1,21	1,00	142,61
2012	1,15	1,07	2800,54
2013	1,11	1,16	78,15
2014	1,23	2,57	**

Tabela 6: Vantagem Comparativa Revelada das Exportações de Soja em Grão do Estado da Bahia para a Espanha em relação ao Brasil, EUA e Argentina.

Fonte: Elaboração dos autores de acordo com os dados coletados nos sites do MDIC e Uncomtrade.

**Dados internacionais não disponíveis.

Considerando os Estados Unidos como seu principal concorrente, no período 2004 a 2014, a inserção da Bahia foi competitiva, apenas com um pequeno percalço no ano de 2005, com índice de 0,96, ficando abaixo do necessário para apresentar vantagem sobre a exportação deste produto. Há uma especialização relevante do grão de soja do Estado da Bahia frente às exportações de soja em grãos da Argentina para a Espanha, onde os índices apresentam-se maiores que a unidade. Ao comparar com o Brasil, também, se verifica competitividade durante todo o período, em que a soja em grão do Estado da Bahia apresentou IVCR maiores que a unidade.

De um modo geral, com base nas tabelas 4, 5 e 6, pode se confirmar a hipótese de que a exportação de soja em grão do estado da Bahia para a China, Japão e Espanha apresenta vantagens comparativas, entre os anos 2004 a 2014. Isto é notado, pois, os índices apresentam, em sua quase totalidade, valores acima de 1, indicando que há vantagem na comercialização desta *commodity* nestes países, quando comparados com as exportações de grão de soja dos EUA, Argentina e Brasil, para China, Japão e Espanha.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

É fato que o Brasil se destaca na produção agroindustrial. Com esta pesquisa, verificou-se que nas últimas décadas houve um aumento significativo na quantidade produzida devido ao desenvolvimento técnico e científico, que propiciou a ampliação da área plantada e elevou a produtividade do campo. Dentre os cultivos realizados no país, este artigo centrou sua atenção à cultura da soja no Estado da Bahia.

A região oeste é a que apresenta a maior produção agrícola do Estado baiano.

Produção, esta, realizada basicamente de forma mecanizada, o que revela o papel da tecnologia no campo, além de outros atributos importantes como a presença de investimento em pesquisa e de fatores locacionais e climáticos e que são essenciais para a inserção competitiva no mercado internacional.

Para tanto, o objetivo consistiu em analisar o indicador de competitividade da soja em grãos produzida na Bahia, com relação aos principais exportadores e importadores mundiais. Como medida de competitividade, foi utilizado o Índice de Vantagens Comparativas Reveladas, desenvolvido por Balassa, para analisar a competitividade das exportações de soja em grãos do Estado da Bahia, no período de 2004 a 2014.

Para identificar a competitividade realizou-se a comparação com os países exportadores em relação aos principais países importadores de um determinado produto. Portanto, foi realizada a comparação da soja baiana com as exportações totais de soja do Brasil, EUA e Argentina, que são os principais exportadores mundiais de soja, com China, Japão e Espanha, que são os principais importadores da soja baiana.

Com resultado, foi verificada que, a Soja em Grão do Estado da Bahia considerando a China, Japão e Espanha como destino final está, em média, a frente de países como Estados Unidos, Brasil e Argentina, e, portanto, se apresenta competitivo nestes mercados. Isto é, a soja em grãos baiana evidencia uma inserção competitiva nos principais mercados demandadores de soja em grão, apresentando vantagens comparativas reveladas em relação aos maiores exportações de soja em grão do mundo, para os anos de análise.

Como última ressalva, cabe informar que o artigo se restringiu apenas a verificação do valor final produzido, não foi realizada nenhuma pesquisa quanto ao custo de se produzir. Armazenamento, logística e escoamento da produção refletem em custos elevados para escoar e interferem na competitividade, uma vez que, a ausência de planejamento em infraestrutura é repassada no preço final do produto, o que é um problema estrutural brasileiro.

Sendo assim, em agendas futuras cabe a busca pelo custo de produção, para identificar se o ganho em se produzir compensa o custo de produção em comercializações desse tipo, levando em consideração o viés de infraestrutura e logístico, a fim de que o Brasil não perca sua posição de destaque entre os primeiros maiores exportadores mundiais do grão.

REFERÊNCIAS

ABREU, Rafael Lorenzo de. **Bahia Meso Micro Municípios**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_mesorregiões_da_Bahia#/media/File:Bahia_Meso_ExtremoOesteBaiano.svg>. Acesso em: 03 mai. 2015.

AIBA. **Associação de Agricultores e Irrigantes da Bahia**. 2010. Disponível em: <<http://www.aiba.org.br/>>. Acesso em: 03 mai. 2015.

AIBA. Associação de Agricultores e Irrigantes da Bahia. **Evolução Produção Agrícola Oeste Bahia**. 2013. Disponível em: <<http://aiba.org.br/wp-content/uploads/2013/12/evolucao-soja-oeste-bahia.pdf>>. Acesso em: 03 mai. 2015.

AIBA. Associação de Agricultores e Irrigantes da Bahia. **Agronegócio**. 2015. Disponível em: <<http://aiba.org.br/agronegocio/>>. Acesso em: 03 mai. 2015.

ALICEWEB. **Sistema de Análise das informações do Comércio Exterior via Internet**. Secretaria de Comércio Exterior (SECEX). Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio Exterior (MDIC). Disponível em: <<http://aliceweb.mdic.gov.br>>. Acesso em: 02 mai. 2015.

BAHIA. **SEAGRI e APEX formalizam escritório baiano da agropecuária na China**. 2010. Disponível em: <<http://www4.seagri.ba.gov.br/noticias.asp?qact=view¬id=21373>>. Acesso em: 03 mai. 2015.

BALASSA, B.; NOLAND, M. "Revealed Comparative Advantage in Japan and the United States. **Journal of International Economic**, v. 4, n.2, p. 8-22, 1989.

BARREIRAS. Prefeitura Municipal de Barreiras. **Origem**. 2009. Disponível em: <<http://www.barreiras.hpdesign.com.br/paginas/pdfs/origem.pdf>>. Acesso em: 03 mai. 2015.

BLACK, R. J. Complexo soja: fundamentos, situação atual e perspectiva. In: CÂMARA, G. M. S. (Ed.). **Soja: tecnologia de produção II**. Piracicaba: ESALQ, 2000.

BONETTI, L. P. Distribuição da soja no mundo: origem, história e distribuição. In : MIYASAKA, S.; MEDINA, J.C. (Ed.). **A soja no Brasil**. Campinas: ITAL, 1981.

BRUE, S. L. **História do Pensamento Econômico**. São Paulo: Thomson, 2005.

CHUNG, G.; SINGH, R.J. Broadening the Genetic Base of Soybean: A Multidisciplinary Approach. **Critical Reviews in Plant Sciences**, v. 27, n.5, p. 295-341, 2008.

FUNDAÇÃO BA. **Fundação de Apoio à Pesquisa e Desenvolvimento do Oeste Baiano**. 2010. Disponível em: <<http://www.fundacaoba.com.br/>>. Acesso em: 03 mai. 2015.

LEISHMAN, D., MENKHAUS, D. J., WHIPPLE, G. D. **Revealed Comparative Advantage and the Measurement of International Competitiveness for Agricultural Commodities: An Empirical Analysis of Wool Exporters**. 1999.

MATTOS, Aldo Dórea. O que é preço FOB, CIT e FOT? Engenharia de Custos. **PINI Blogs**. Disponível em: <<http://blogs.pini.com.br/posts/Engenharia-custos/o-que-e-preco-fob-cif-e-fot-304291-1.aspx>>. Acesso em: 23 mai. 2015.

MIRANDA, Evaristo. **Delimitação para o MATOPIBA proposta pelo Grupo de inteligência Territorial Estratégica da Embrapa**. 2014. Disponível em: <<https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Delimitacaomatopibagite.png>>. Acesso em: 03 mai. 2015.

MOREIRA, M. G. **Soja – Análise da Conjuntura Agropecuária**. 2012. Disponível em: <http://www.agricultura.pr.gov.br/arquivos/File/deral/Prognosticos/soja_2012_13.pdf>. Acesso em: 14 mai. 2015.

SPOSITO, M. E. B., ELIAS, D., SOARES, B. R., MAIA, D. S., GOMES, E. T. A. O Estudo das Cidades Médias Brasileira: Uma Proposta Metodológica. In: SPOSITO, M. E. B. (org.). **Cidades Médias: Espaços em Transição**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

UNCOMTRADE. **United Nations Commodity Trade Statistics Database. Statistic Division**. Disponível em: <<http://comtrade.un.org/db/default.aspx>>. Acesso em: 10 ago. 2011.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-296-8

